

Ficha da Ação

Designação O Desenvolvimento Curricular em Artes – Metodologias e Práticas

Região de Educação **Área de Formação** A B C D

Classificação Formação Contínua **Modalidade** Oficina de Formação

Duração

Nº Total de horas presenciais conjuntas 25 Nº Total de horas de trabalho autónomo 25

Nº de Créditos 2

Calendarização

Entre 3 e 9 (meses)

Cód. Área C05 **Descrição** Didáticas Específicas (domínio científico específico),

Cód. Dest. 10 **Descrição** Educadores de Infância e Professores do Ensino Básico

Dest. 50% **Descrição**

Nº de formandos por cada realização da ação

Mínimo 10 Máximo 24

Reg. de acreditação (ant.) CCPFC/ACC-75303/13

Razões justificativas da ação: Problema/Necessidade de formação identificado

O Ministério da Educação e Ciência concluiu o terceiro ano (2010-2013) de implementação do «Programa de Educação Estética e Artística» (PEEA) em contexto da Educação Pré - Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico. No desenvolvimento do PEEA ao longo destes três anos, foi sido possível verificar, através de uma avaliação sistemática, um conjunto de dados que permitiram refletir sobre alguns fatores possibilitando um conhecimento mais aprofundado da realidade das artes na educação e a consequente necessidade da continuidade e aprofundamento da implementação do PEEA nos restantes AE do país. O conjunto de fatores identificados permitem traçar uma leitura das práticas do contexto educativo, identificando-se dimensões de natureza educativa, organizacional e socioprofissional. A título de exemplificação, referem-se algumas categorias de cada uma das dimensões:

DIMENSÃO EDUCATIVA: I) Tempo – A identificação da falta de tempo muitas vezes não é uma razão real, visto, por vezes, haver muito investimento de tempo na preparação de festas e comemoração efemérides, sem que isso possa reverter no desenvolvimento de uma educação estética para as crianças e jovens; II) Transversalidade e articulação curricular – A inter-relação entre as diferentes formas de arte não têm intencionalidade, havendo pouca consciencialização dos saberes das diferentes linguagens, gerando-se, assim, uma amálgama de atividades sem significado educativo, servindo as artes como meras ilustrações.

DIMENSÃO ORGANIZACIONAL: I) Liderança – Nos Agrupamentos de Escolas (AE) onde existe uma forte liderança e definição de regras claras, por parte dos diretores, o PEEA é assumido como uma mais-valia educativa, revertendo em práticas significativas para as crianças e jovens e para a mudança a nível organizacional, por exemplo, uma maior articulação entre ciclos; II) Parceria com as Instituições Culturais – A relação entre as várias Instituições Culturais e os AE revela-se muito importante para os docentes e para as crianças, pela possibilidade de contactar com os diferentes universos culturais/artísticos. Nota-se que, muitos dos docentes já mantêm uma certa fidelização a determinadas Instituições.

DIMENSÃO SOCIOPROFISSIONAL: I) Formação inicial – Constata-se que a formação inicial de professores e educadores é muito incipiente na área das artes, visto a maioria dos docentes não ter um conjunto organizado de capacidades e saberes que lhes permitam organizar a sua prática letiva nestas áreas. Assinala-se, ainda, que a formação inicial reforça essencialmente os aspetos do “fazer” nas diferentes áreas, existindo uma ausência dos processos interpretativos e reflexivos no domínio das artes. Assinala-se também que, o facto de haver em muitos AE a coadjuvação no 1º CEB, se torna benéfico que os profissionais que fazem a referida coadjuvação usufruam desta formação e da integração no PEEA, sendo esta uma aspiração dos Diretores de Agrupamento.

Devido ao bom acolhimento e aos resultados obtidos, docentes de outros grupos disciplinares tem vindo a solicitar a formação e sua integração no PEEA. Também devido a:

- Instrumentos pedagógicos – As metas a atingir são um fator determinante para o desenvolvimento da formação, por se considerarem claras e ajustadas ao desenvolvimento dos processos integrados: Fruição-Contemplação; Interpretação/Reflexão e Criação/Experimentação, filosofia em que assenta o PEEA.
- Modelo de formação – Este modelo tem vindo a constituir uma vantagem para a prática educativa, por ser claro nos objetivos e nos conceitos que aborda, e por permitir que cada docente trace o seu projeto de trabalho.
- Este programa pretende suprir uma lacuna na formação de educadores de Infância e dos Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico nas áreas de Expressão Plástica; Dança, Música e Expressão Dramática / Teatro.

O problema e as necessidades de formação destes profissionais centram-se, principalmente, nas abordagens metodológicas que são levadas a efeito; uma vez que muitas vezes estas áreas são consideradas como auxiliares das outras áreas do Currículo ilustrando temas e festividades. O que este programa pretende é dotar os profissionais de educação com meios que os possibilitem desenvolver estas áreas com as crianças, através da aprendizagem das linguagens específicas de cada uma delas, possibilitando posteriormente a transversalidade de saberes.

De acordo com este pressuposto, esta oficina de formação tem os seguintes objetivos:

- Reflectir sobre as Metas de Aprendizagem da Educação Artística, possibilitando aos docentes a apreensão dos códigos específicos de cada área.
- Desenvolver metodologias e estratégias de formação para as diferentes áreas identificadas.
- Constituir um corpus de conhecimento sobre o Desenvolvimento Curricular nas Artes; tendo como comparação modelos de desenvolvimento Curricular de contextos Internacionais .

Efeitos a produzir: Mudança de práticas, procedimentos ou materiais didáticos

O PEEA do Ministério da Educação e Ciência, em desenvolvimento há três anos, pretende, gradualmente, fazer a cobertura do território nacional, prioritariamente ao nível da Educação Pré-escolar e no 1º ciclo do ensino Básico. No entanto, como foi referido na justificação, vários docentes de outros grupos disciplinares têm solicitado a formação e sua integração no PEEA.

É de salientar que os docentes que estiveram integrados no programa já revelam a autonomia necessária para o desenvolvimento destas áreas, cabendo, agora, a cada um deles não negligenciar os mecanismos de autoformação.

Neste segundo ciclo de mais três anos, e de acordo com a avaliação realizada, espera-se continuar a produzir mudanças efetivas nas práticas dos docentes, continuando a incentivar a dimensão da autonomia nas estratégias e nas práticas dos docentes na área das artes.

Deste modo, para além da formação em contexto de trabalho, serão realizadas:

- Reuniões de acampamento e de partilha de experiências, fatores fundamentais no desenvolvimento deste processo, pela consciencialização dos docentes do que já sabem, do que ainda não sabem, e daquilo que ainda podem vir a saber.
- Visitas a espaços culturais, essenciais para o desenvolvimento de processos de «leitura»; funcionando estes espaços como livros, nos quais se sedimentam os conhecimentos básicos apreendidos nas várias áreas artísticas.
- Produção de materiais didáticos no sentido de colmatar uma enorme carência de materiais de qualidade estética e artística nesta área, evitando-se a proliferação de estereótipos sem qualquer mais-valia educativa.
- Produção de instrumentos de avaliação para colmatar as deficientes lacunas que o sistema educativo tem nesta área.
- Contributo para elaboração dos programas nestas áreas.
- Melhoria das práticas dos professores coadjuvantes das diferentes áreas.
- Incentivar as ofertas de escola nestas áreas.
- Melhoria das fichas de avaliação dos alunos nas áreas da Educação Artística.
- Encontros Nacionais de docentes em formato de conferência.

Ao nível educativo as mudanças que se pretendem atingir são:

- Abordagem sistemática da prática destas áreas em contexto escolar.
- A arte vista como uma área do conhecimento tal como as outras apresentadas no currículo escolar.
- A arte encarada de acordo com três dimensões interdependentes: fruição - contemplação: interpretação - reflexão e experimentação - criação.
- A articulação efetiva entre a escola e as Instituições Culturais.
- A aprendizagem dos conceitos das diferentes áreas.
- Experimentar os conceitos de cada área e escolha dos temas pelas crianças.

Conteúdos da ação

Pressupostos teóricos

- O conceito de Arte ao longo dos tempos.
- O papel da Arte na formação das pessoas
- O Sistema Educativo e as Artes: Períodos e características
- Os conceitos de fantasia, imaginação e criatividade: pressupostos e mitos

Componentes:

Artes Plásticas

- O conceito de retrato e auto - retrato
- A impulsividade do traço e a mancha livre
- A cor enquanto forma
- O arabesco e o sentido das proporções
- O apuramento da forma - Encadeamento
- O volume e o espaço
- A metáfora e metamorfose
- A cor - Cromatismo heráldico, tonal, local e tímbrico

Música

- Técnicas de interpretação musical (vocal e corporal).
- Técnicas básicas de ensaio e direção coral.
- Modos de exploração de materiais sonoros e musicais com estilos, géneros, formas e tecnologias diferenciadas.
- Exploração de códigos e formas diferenciadas de representação gráfica dos sons.
- Audição, análise e descrição de obras musicais utilizando terminologia e vocabulário adequado.
- Conceitos e estruturas que enformam e organizam as obras musicais.
- Relações entre a música, as outras artes e áreas de conhecimento: semelhanças e diferenças técnicas, estéticas e expressivas.

Dança

- Vocabulário Motor Específico da Dança:
- Movimentos básicos locomotores - Deslocamentos quedas e outras Ações/Gestos.
- Movimentos básicos não locomotores – realização de ações/gestos com ausência de locomoção.
- Posições estáticas (estátua) e equilíbrios.
- Elementos técnicos da Dança
- “Componentes” Fundamentais da Dança:
- O Corpo, o Espaço, o Tempo, a Dinâmica e as Relações.
- Técnicas de Construção Coreográfica: (desenvolvimento da criatividade)
- Exploração do movimento (busca/procura).
- Improvisação do movimento, de frases e sequências de movimento (invenção, conceção).
- Composição de sequências lógicas de movimentos (construção, produção, combinação).
- Dança enquanto Forma de Arte:
- Análise, Compreensão e Apreciação da Dança através da observação e discussão de materiais coreográficos.

Expressão Dramática/Teatro

- Criação e comunicação: Voz, Movimento, Coordenação
- Interpretação/ representação -
- Multiplicidade de jogos de improviso dramático (espontâneo ou orientado) enfatizando contrastes e intenções opostas.
- Capacidade de escuta e de resposta.
- Relação do próprio no espaço de representação e com os outros elementos, “atores”, objetos e audiência.
- Espaço de representação
- Explicitação dos diferentes espaços cénicos:
- Convencionais
- Não convencionais
- Cenário
- Narrativa :
- Construção de histórias faladas (breves frases ou sons)
- Construção de diálogos
- Construção de cenas.
- Escrita criativa.
- Diferentes finalizações para uma história
- Improvisação de monólogo

Metodologias de realização da ação

Para a implementação das diferentes áreas a desenvolver, para além do formador responsável, serão convidados especialistas que farão o acompanhamento dos formandos, quer nas sessões presenciais, quer na análise dos produtos das sessões de trabalho autónomo.

Os formadores das 4 áreas acompanharão individualmente o desenvolvimento das atividades planificadas por cada formando de modo a que a formação seja adaptada, quer às necessidades dos formandos, quer às práticas desenvolvidas em contexto de trabalho com as crianças.

O desenvolvimento das sessões partem da linguagem específica de cada área para os conceitos a serem desenvolvidos através das várias formas de expressão (dança, plástica, música e exp. dramática/ teatro), quer nas sessões de formação, e posteriormente com as crianças. Parte-se, assim, de um conceito para desenvolver teórica e praticamente, através de várias atividades. Posteriormente este conceito irá ser trabalhado com as crianças mas com atividades diferentes daquelas que foram vividas na formação. A ideia é que os formandos desenvolvam o seu potencial criativo nas atividades e estratégias que vão utilizar com as crianças, obrigando-os a fazer pesquisa e a produzir o seu próprio material. Assim, a formação reveste-se de vastas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional, não sendo uma mera aplicação das atividades que o formador partilha.

Em cada sessão serão explicitadas as conceções pedagógicas e específicas a cada área para que as atividades práticas a desenvolver sejam portadoras de significado para os formandos. O objetivo é saberem os fundamentos teóricos de cada atividade em que vão participar. No final de cada sessão os formandos serão sempre convidados a apresentar oralmente algumas ideias já desenvolvidas na prática. Assim, possibilitar – se - á que reflitam sobre o que fazem e apresentem também algumas dúvidas.

A Oficina será constituída por um conjunto de 4 sessões presenciais, por área, com a duração de 5 horas cada; uma sessão inicial; uma sessão final de apresentação de trabalhos, perfazendo um total de 25 horas, cabendo outras 25 horas para o trabalho não presencial.

Será utilizada a plataforma Moodle da Equipa de Educação Estética e Artística (EEA) do Ministério da Educação e Ciência(DGE) e dos diversos Centros de formação espalhados pelo país, da área de abrangência dos agrupamentos de escolas envolvidos, para repositório dos materiais elaborados pelos formandos e pelas crianças e fornecidos pelos formadores. Aquela plataforma proporcionará ainda uma interação não presencial entre os formandos e formador e a equipa que supervisiona o PEEA em contexto escolar do referido Ministério.

Será também utilizado o sistema de videoconferência para aprofundar temas, tirar dúvidas e concertar metodologias de trabalho.

Desenvolvimento:

Fase 1 – 1 hora presencial

Na 1ª sessão de cada área serão explicitados os pressupostos específicos a cada área e acentuada a obrigatoriedade de levar à prática um conjunto de atividades com as crianças, propósito fundamental para o desenvolvimento da Educação Artística no quotidiano educativo.

Nas quatro sessões seguintes serão desenvolvidos e praticados os vários conceitos a partir da aprendizagem da linguagem específica de cada área, a saber:

Trabalho autónomo – 1 hora

Fase 2

Expressão Plástica – 5 horas presenciais

Retrato, auto- retrato, figura humana, impulsividade do traço e a mancha livre, a cor enquanto forma, o arabesco e o sentido das proporções, o apuramento da forma – Encadeamento, o volume e o espaço, a metáfora e metamorfose a cor ao longo da História de Arte - Cromatismo heráldico, tonal, local e tímbrico.

Trabalho autónomo – 6 horas

Fase 3

Dança – 5 horas presenciais

Movimentos básicos locomotores - deslocamentos, movimentos básicos não locomotores, com ausência de locomoção, posições estáticas e equilíbrios, “componentes” fundamentais da dança - o corpo, o espaço, o tempo, a dinâmica e as relações; técnicas de construção coreográfica - Exploração do movimento, improvisação do movimento, de frases e sequências de movimento, composição de sequências lógicas de movimentos (construção, produção, combinação); Dança enquanto Forma de Arte: análise, compreensão e apreciação da Dança através da observação e discussão de materiais coreográficos.

Trabalho autónomo – 6 horas

Fase 4

Expressão Musical – 5 horas presenciais

Técnicas de interpretação musical (vocal e corporal), técnicas básicas de ensaio e direção coral, modos de exploração de materiais sonoros e musicais com estilos, géneros, formas e tecnologias diferenciadas, exploração de códigos e formas diferenciadas de representação gráfica dos sons, audição, análise e descrição de obras musicais utilizando terminologia e vocabulário adequado, conceitos e estruturas que enformam e organizam as obras musicais, relações entre a música, as outras artes e áreas de conhecimento: semelhanças e diferenças técnicas, estéticas e expressivas.

Trabalho autónomo – 6 horas

Fase 5

Expressão Dramática/Teatro – 5 horas presenciais

Criação e comunicação: Voz, Movimento, Coordenação, Interpretação/ representação - multiplicidade de jogos de improviso dramático (espontâneo ou orientado) enfatizando contrastes e intenções opostas, capacidade de escuta e de resposta, relação do próprio no espaço de representação e com os outros elementos, “atores”, objetos e audiência.

Espaço de representação; Explicitação dos diferentes espaços cénicos: Convencionais, não convencionais, cenário;

Narrativa : construção de histórias faladas (breves frases ou sons), construção de diálogos, construção de cenas,

Escrita, diferentes finalizações para uma história, improvisação de monólogo.

Trabalho autónomo – 6 horas

Na última sessão presencial proceder-se-á à auto – avaliação e far-se-á a partilha das práticas educativas desenvolvidas consideradas relevantes para a Educação Artística. Far-se-á, ainda, uma avaliação de todo o trabalho desenvolvido ao longo da formação, refletindo sobre o modo como este poderá alterar as práticas educativas nesta área.

Será organizado um livro digital, entre outros formatos, com os materiais produzidos que ficará disponível nos sítios dos diferentes AE; do Centro de Formação e da Equipa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação e Ciência.

Fase 6 – 4 horas presenciais

Sessão final de apresentação individual dos trabalhos realizados durante o trabalho autónomo.

Sessões de trabalho não presencial/autónomo e com apoio à distancia

Fases do trabalho autónomo:

Planificação de atividades a desenvolver com os alunos.

Desenvolvimento de materiais.

Aplicação dos materiais e recursos produzidos em sala de aula.

Relatos de experiências.

Relatório dos formandos com a respetiva reflexão crítica.

Procura-se, também, que os formandos tomem conhecimento da utilização dos TIC, vistas estas como um recurso que está ao seu dispor, capaz de facilitar a motivação e as aprendizagens

Regime de avaliação dos formandos

Para além do cumprimento das disposições legais, a avaliação dos formandos será formalizada numa escala de 1 a 10 de acordo com o ECD, Regime Jurídico da Formação Contínua e com as cartas circulares 3/2007 e 1/2008 do CCPFC.

Serão utilizados os seguintes critérios:

Assiduidade -10%

Motivação e participação- 30%

Produção de trabalhos e/ou materiais - 40 %

Reflexão crítica ou Prova de Conhecimentos -20%

Forma de avaliação da ação

Avaliação pelos formandos, através de inquérito/questionário a fim de obter um feedback da ação;

Relatório de Avaliação do Especialista.

Relatório crítico e descritivo do Formador.

Relatório do CFAE

Bibliografia fundamental

ABAD, Javier. (2009). Usos y funciones de las artes en la educación y el desarrollo humano, in L. Jiménez, I. Aguirre y L. G. Pimentel (eds.).

Educación artística, cultura y ciudadanía. Madrid: oei/Fundación Santillana.

ADORNO, Theodor. (19 70).Teoria Estética. Lisboa: Edições 70.

AGUIRRE,

Imanol. (2000). Teorías y prácticas en educación artística. Ideas para una revisión pragmática de la experiencia estética. Pamplona, Universidad Pública de Navarra, 2.ª ed. 2005.

ALVES, Rubem. (1992). O retorno eterno. Campinas: Papirus.

ANDRÉ, José Maria. (1999). De uma Educação pela Arte a uma Ecologia dos afectos. In: Cadernos APEV. Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.

ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro. 6ª Edição: 2000. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

BERGER, Johon. (1996). Modos de Ver. Lisboa: Edições 70.

BEST, David. (1996). A racionalidade do sentimento. O papel das artes na educação. Porto: Edições Asa.

BOSCH, Eulália. (1998). El Placer de Mirar. Barcelona: Editora Actar.

BRONOWSKI, Jacob.(1983) A Arte e Conhecimento. Lisboa: Edições 70.

CALABRESSE, Omar. (1986). Linguagem da Arte. Lisboa: Editorial Presença.

CASCARDI, A., HINTIKKA et all.(1994). In: Retórica e Comunicação (Coord. Manuela Maria Carrilho). Lisboa: Edições Asa.

CASSIRER, Ernest. (s/d). Ensaio sobre o homem. Lisboa: Guimarães Editores.

DEWEY, James. (1934). Art as experience. New York: G.Putman's Sons.

DUFRENNE, M. (1976). L'Esthetique et Sciences de l'Art. Paris: Unesco. 2 vol.

ECO, Humberto. (1971). A Definição de Arte. Lisboa: Edições 70.

FORMAGGIO, Dino. (1973). Arte. Lisboa: Editorial Presença.

FOCILLON, Henri. (1972). A Vida Das Formas. Lisboa: Edições 70.

GOODMAN, Nelson. (1978). Modos de Fazer Mundos. Lisboa: Edições Asa.

GRÁCIO, Rui Alexandre. (1993). Racionalidade Argumentativa. Lisboa: Edições Asa.

HUISMAN, Denis (1994). A Estética. Lisboa: edições 70.

HUISMAN, Denis (2000).Dicionário de Obras Filosóficas: S. Paulo: Martins Fontes.

LOWENFELD, Viktor. (1947). Creative and mental growth. New York : Macmillan

MALRAUX, André. (2000). O Museu Imaginário. Lisboa: Edições 70.

MARCUSE, Herbert. (1999). A Dimensão Estética.Lisboa: edições 70.

MARIN, Alda. (1973). Educação, Arte e Criatividade. S. Paulo: Pioneira Editora.

MARINA, José António. (1995). Teoria da Inteligência Criadora. Lisboa: Editorial Anagrama, S:A.

MONTEIRO, Paulo. (1961). Os Outros da Arte. Lisboa: Celta Editora

OREY, Carmo. (1997) A Educação Estética: vantagens de uma teoria simbólica da arte. In Colóquio Interdisciplinar – Educação Estética e Utopia Política. Lisboa: Colibri. Pp.239-257.

OREY, Carmo. (1999) A exemplificação na arte. Um estudo sobre Nelson Goodman. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.

OSTROWER, Fayga. (1998) A Sensibilidade do Intelecto. Rio de Janeiro: Campus.
PARSONS, Michael (2000) Dos Repertórios às Ferramentas: Ideias como Ferramentas para a Compreensão das Obras de Arte. In Educação Estética e Artística. Abordagens Transdisciplinares. Editor Fróis, J.P. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
PARSONS, Michael. (1987) How we understand Art. A cognitive developmental account of aesthetic experience. Cambridge: Cambridge University Press.
PAREYSON, Luigi. (1993). Estética. Teoria da Formatividade. Petrópolis: RJ: Vozes.
PILLAR, Analice Dutra. (org.) (1999). A Educação do Olhar no Ensino das Artes. Mediação. Porto Alegre.
PLATÃO.(s.d.). Diálogos III. Apologia de Sócrates, Críton e Fédon. Lisboa: Europa América.
PLATÃO.(1977). O Banquete. Lisboa: Europa América.
PLATÃO.(1949). A República. Tradução do texto Grego.4ª Edição. Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian
POSO, J.I. (1999). Teorias cognitivas del aprendizagem. 5ª edição. Madrid: Morata.
READ, Herbert. (1978).O Sentido da Arte. São Paulo: Ibrasa. 8ª edição (The Meaning of the Art).
READ, Herbert. (1982). Educação pela arte. Lisboa: Edições 70. (Education Through Art, 1958).
SANTOS, Leonel Ribeiro. (1995). Educação Estética e Utopia Política.Lisboa: edições Colibri- Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
SCHILLER; Friedrich. (1994).Sobre a Educação Estética do Ser Humano numa Série de Cartas e Outros Textos.Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda
SOURIAU, Étienne. (1990). Vocabulaire d'Esthetique. Paris: PUF
VIGOUROUX Roger. (1992). A Fábrica do Belo. Lisboa: Dinalivros.
WOJNAR, Irena. (1963). Esthétique et Pédagogie. Paris: PUF
ZUNZUNEGUI Santos. (1990). Metamorfosis de la Mirada. Sevilha: Editora Alfar.

Processo

Data de receção 22-01-2014 **Nº processo** 81486 **Registo de acreditação** CCPFC/ACC-76560/14

Data do despacho 22-01-2014 **Nº ofício** 285 **Data de validade** 22-01-2017

Estado do Processo C/ Despacho - Acreditado